

Maré tem 144% de aumento de casos de covid-19

Para combater o vírus que se espalha rapidamente, ainda é necessário o uso de máscara, manter o distanciamento de 1,5m e se vacinar assim que for possível. [PÁGINAS 8 E 9](#)



O fantasma da fome

A pandemia deixou ainda mais explícitas as desigualdades sociais existentes em nosso país, tornando mais latentes questões como a falta de segurança alimentar e o desemprego, já em níveis críticos antes da chegada da covid-19 ao Brasil. [PÁGINAS 4 E 5](#)

As consequências da infecção

Mesmo recuperados, aqueles que sofreram com a covid-19 relatam sequelas graves, como dores e dificuldade em respirar, que ainda interferem em suas vidas. [PÁGINA 7](#)



Sem férias para a covid-19

Professores das escolas municipais da Maré avaliam como foram os primeiros 30 dias de retorno das aulas presenciais, no momento em que aumentam as internações nas UTIs do Rio de Janeiro e as mortes por covid-19 nas favelas da cidade. [PÁGINA 11](#)

EDITORIAL

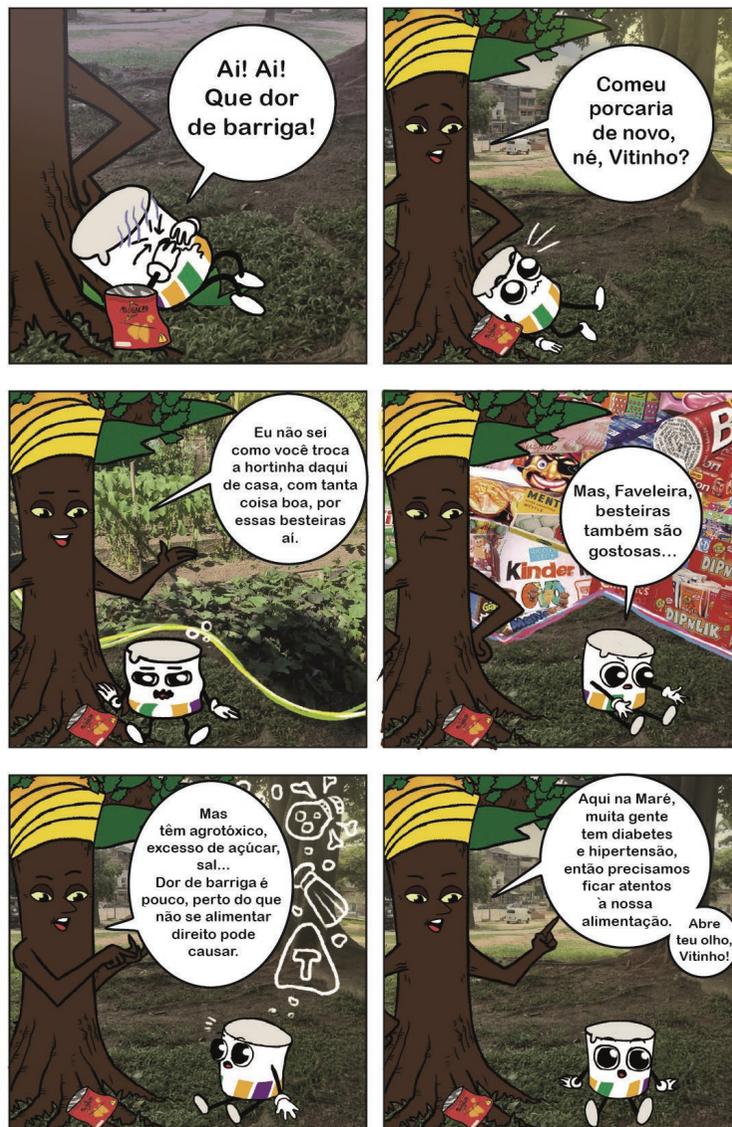
Vivemos o março mais triste desde o início da pandemia no Brasil, há pouco mais de um ano. O país registrou recordes diários de média móvel de mortes por covid-19 e já ultrapassamos a marca de quatro mil pessoas em um único dia pela doença. Finalizar março com mais de 320 mil mortos no país é como se toda a população da Maré, de Bonsucesso, Ramos, Olaria e Manguinhos tivesse desaparecido do mapa. São milhares de famílias e amigos que perderam uma, duas, incontáveis pessoas para o novo coronavírus em apenas um ano.

Diante do surgimento de novas variantes mais transmissíveis, da escalada dos números e do risco iminente da falta de leitos, é importante ressaltar a necessidade do uso de máscara sempre que estiver na rua ou em contato com pessoas de fora de sua casa. Enquanto toda a população não tiver acesso à vacinação, que é de extrema importância, a máscara é fundamental para nos proteger do coronavírus.

Um ano depois do comunicado da Organização Mundial de Saúde determinando que a covid-19 era uma pandemia, seguimos com receio de um possível contágio e dos seus desdobramentos, mas também com esperança de que a ciência, através da vacina, de estudos e informação, salve vidas. Fica o pedido: se cuidem, mantenham a higiene e o distanciamento social, usem máscara e se vacinem.

QUADRINHOS - CAMPANHA CLIMÃO

Guaravitchinho e Dona Faveleira em: Segurança Alimentar



CEDAE MARÉ (falta de água): Rua Teixeira Ribeiro, S/N – Nova Holanda. Telefone: 0800-282-1195

SAIBA COMO RESOLVER: **COCÔZAP (mapeamento de problemas de saneamento):** Telefone: 99957-3216

DETRAN (emissão de documentos): Rua Principal, S/N – Baixa do Sapateiro / Rua Teixeira Ribeiro, 629 – Loja 4/5 – Parque Maré. Telefones: 3460-4040 / 3460-4041

30ª REGIÃO ADMINISTRATIVA: Rua Principal, S/N – Baixa do Sapateiro. Telefones: 3105-4482 / 3881-0399

COMLURB MARÉ (recolhimento de lixo): Rua Teixeira Ribeiro, S/N – Nova Holanda. Telefones: 99771-8544 / 97119-0632

FUNDAÇÃO LEÃO XIII (assistência social e acesso gratuito à emissão de documentos): Rua Gerson Ferreira, 6 – Praia de Ramos. Telefone: 2334-7802

O MARÉ DE NOTÍCIAS TAMBÉM É SEU!

Fale com a gente!

(21) 97271-9410

EXPEDIENTE

REALIZAÇÃO:



PARCERIA:



MARÉ DE NOTÍCIAS

R. Sargento Silva Nunes, 1012 Nova Holanda – Maré Rio de Janeiro - RJ - CEP: 21044-242 www.mareonline.com.br maredenoticias@gmail.com contato@maredenoticias.com.br

APOIO:

16 Associações de Moradores da Maré
Campanha Climão
Casa Preta da Maré
Centro de Artes da Maré
Espaço Normal

EDITORA EXECUTIVA E JORNALISTA RESPONSÁVEL
Daniele Moura (Mtb 24422/RJ)

EDITORA
Andressa Cabral Botelho

COORDENADORES DE DISTRIBUIÇÃO:

Arthur Viana
Henrique Gomes
Luiz Felipe de Oliveira Bacerlar

DISTRIBUIDORES:

Andrews de Andrade Faustino
Antônia Valéria Lins e Silva
Cristiane dos Santos
Jonathan Ribeiro Da Cruz
Larissa Oliveira
Luana Cristina Alves
Lucas Frederico Brandão
Leonardo da Silva
Marcela Ferreira Silva Gomes
Thuany Vieira Nascimento
Valdemir Gomes da Cunha Júnior
Yasmim Emmanuel Duarte

COLABORARAM NESTA EDIÇÃO

Edu Carvalho
Hélio Euclides (Mtb 29919/RJ)

FOTOGRAFIA

Douglas Lopes
Gabriel Uchida
Gabriela Lino
Kamila Camillo
Wanderson Padilha

REVISÃO

Julia Marinho

PROJETO GRÁFICO

Mórula_Oficina de ideias

DIAGRAMAÇÃO

Filipe Almeida

IMPRESSÃO

Parque gráfico da Infoglobo

TIRAGEM

50 mil exemplares

OS ARTIGOS ASSINADOS NÃO REPRESENTAM A OPINIÃO DO JORNAL.

PERMITIDA A REPRODUÇÃO DOS TEXTOS, DESDE QUE CITADA A FONTE.

GARANTA O SEU JORNAL!

O Maré de Notícias é entregue de porta em porta nos 47 mil domicílios das 16 favelas da Maré. Se por acaso não chegar na sua casa, avise-nos pelo WhatsApp (21) 97271-9410, via redes sociais (@maredenoticias) ou ainda por email contato@maredenoticias.com.br e confira se na associação de moradores de sua favela não tem um exemplar para você. Ajude-nos a melhorar nossa distribuição! Contamos com todos os mareenses!

Direito a alimentação adequada para toda a população

Como a pandemia expôs lacunas na segurança alimentar das pessoas pretas e pobres



DOUGLAS LOPES

A distribuição de quentinhas para pessoas em situação de rua deu suporte à campanha de redução da insegurança alimentar

LAERTE BRENO E MARÉ VERDE

Morador da Maré, graduando em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), colunista, educador popular e organizador da UniFavela, pesquisador e mobilizador social.

O acesso à boa alimentação é um direito assegurado pela Constituição mas, na prática, vivemos outra realidade. Com a pandemia de covid-19 começando em março de 2020, vimos a face mais perversa da desigualdade social e como no nosso território ficou exposto esse cenário da fome. Com isso, surgiram iniciativas de doações de cestas básicas para suprir a questão da insegurança alimentar, tão latente no último ano.

Na Maré, por exemplo, cestas básicas foram distribuídas para mais de 17 mil famílias. Das mais de 12 mil entrevistas sociais, 68% foram realizadas com mulheres pretas e pardas, responsáveis pelo sustento da casa. Dessas, 44% tinham algum problema de saúde em decorrência da má alimentação — e são justamente as mulheres

pretas e pobres que mais sofrem com isso. Segundo pesquisa realizada pelo Ministério da Saúde em 2017, a diabetes mellitus tipo II atinge 50% mais as mulheres negras do que as mulheres brancas. De acordo com Estudo Longitudinal de Saúde do Adulto (ELSA-Brasil), a hipertensão atinge 49,3% dos brasileiros pretos e 30,3% dos brancos.

Uma questão que impacta diretamente a população preta e pobre é o que o doutor em saúde holística africana **Llaila Afrika** chama de **nutricídio**, um genocídio a partir do que essas pessoas comem. O conceito fala sobre a degradação da saúde das pessoas que deixam de comer alimentos naturais e optam por aqueles industrializados, de baixo valor nutricional, transgênicos ou com altos índices de agrotóxicos, principalmente diante da alta dos preços dos alimentos básicos.

Entretanto, paga-se um preço por essa escolha. A médio e longo prazo, os consumidores podem desenvolver cânceres, distúrbios endócrinos, neurológicos e mentais, segundo levantamento feito pela Associação Brasileira de Saúde Coletiva (Abrasco). De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS) ocorrem todo ano 20 mil mortes causadas por herbicidas; no mundo, o Brasil é o maior consumidor de agrotóxicos desde 2008.

A nutricionista **Elizabeth Dias**, 48 anos, moradora do Morro do Timbau, na Maré, reconhece o problema por trás dos números: "Esses dados sobre a população negra podem ser provenientes de um consumo excessivo de calorias e do desequilíbrio de nutrientes, pois estes são fatores que levam a doenças crônicas, como a hipertensão e diabetes. Se levamos em conta as dificuldades socioeconômicas existentes nas comu-

nidades pela ausência de políticas públicas combativas, a efetivação da segurança alimentar, uma garantia ao direito humano de alimentação adequada, deixa muito a desejar."

Mas o que é segurança alimentar?

A expressão refere-se ao acesso a alimentos com valor nutricional e na quantidade adequada para uma melhor qualidade de vida. Na prática, vemos como isso é difícil. Com o aumento dos preços, 61% das pessoas que estavam sem nenhum tipo de renda em casa durante a pandemia ficaram sem ter como comprar alimentos. É preciso repensar tanto nossos modelos de monocultura e mercado, como a possibilidade de ter espaços para plantar nossos alimentos e garantir o acesso de todos a escolhas melhores para sua saúde.

Além disso, a nutricionista complementa que "é fundamental que ações de educação alimentar e nutricional sejam desenvolvidas por diversos setores, incluindo saúde, educação, desenvolvimento social, habitação e desenvolvimento agrário, contribuindo, assim, para a melhoria das condições de saúde da população, redução das iniquidades e promoção da qualidade de vida de todos".

Para reforçar o cuidado que você precisa tomar em relação aos alimentos que consome, a Campanha *Climão* apresenta o material educativo montado por mestrandos da Universidade do Rio de Janeiro (UniRio) que é crucial para o bem da sua saúde.

Pandemias de um Brasil colapsado: o planeta fome

Eliana Sousa Silva e Celso Athayde contam sobre os impactos da pandemia ao longo do último ano



KAMILA CAMILLO

Há um ano, ações de doação de alimentos e refeições foram fundamentais, mas elas foram diminuindo com o passar dos meses

ANDRESSA CABRAL BOTELHO

A pandemia expôs ainda mais todas as epidemias que existem no Brasil: a da desigualdade social, da fome, do desemprego – e a população precisa cotidianamente lidar com todas elas. Ao longo desse último ano, o novo coronavírus não apenas afetou a saúde, como também agravou essas e outras questões, expondo o abismo social que existe no país. Como forma de minimizar esses problemas, as organizações Redes de Desenvolvimento da Maré e a Central Única das Favelas (CUFA) desenvolveram uma série de ações nesse período para dar suporte aos territórios e ao público que já atendiam antes de março de 2020. Mesmo que essas organizações já atuassem em alguns eixos, como educação e geração de renda, a pandemia forçou uma resposta rápida para as demandas territoriais que, às já existentes, vieram se somar o desemprego, a pobreza e a fome.

Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), em setembro de 2020 cerca de 820 milhões de pessoas passavam fome no mundo. No Brasil, de 2013 a 2018

creceu em três milhões o número de pessoas em situação de insegurança alimentar, saltando de 7,2 milhões para 10,3 milhões. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a insegurança alimentar se divide em três níveis: leve, que significa incerteza de acesso a alimentos; moderada, traduzida na redução quantitativa de alimentos por parte da família; e grave, na qual a fome é uma realidade vivenciada no lar. Em 2018, houve crescimento em todos os níveis de insegurança alimentar, com a pandemia do novo coronavírus e as constantes altas dos preços dos alimentos, como aconteceu com o arroz em setembro de 2020. A alimentação tornou-se uma urgência e, para muitos, um privilégio. Se esta era uma situação grave em 2018, com a chegada da pandemia e a perda de renda ela se tornou uma realidade para muitas pessoas.

A Redes da Maré, de forma rápida, organizou-se para pensar em ações que pudessem minimizar a questão da insegurança alimentar tanto para pessoas em situação de rua quanto

para os moradores. De março até dezembro, por meio da campanha *Maré Diz NÃO ao Coronavírus*, foram distribuídas 17.648 cestas de alimentos e kits de higiene e limpeza, além de 65 mil refeições para pessoas em situação de rua no território da Maré. “Foi uma campanha que atingiu 17 mil famílias. Criamos uma rede de voluntários para darmos uma resposta robusta: frentes importantes, como a da segurança alimentar, atendendo as pessoas em situação de rua, população com drogas... Construímos propostas para atender essas pessoas que já são negligenciadas em seus processos de vida”, conta **Eliana Sousa Silva**, diretora

fundadora da Redes da Maré.

De forma parecida surgiu o Fundo Solidário COVID-19 para Mães das Favelas, iniciativa da CUFA que atendeu cinco mil favelas em todo o país, impactando a vida de mais de 5,8 milhões de pessoas com a entrega de cestas básicas ou vales-alimentação. “Quando surgiu a covid-19, a gente percebeu que haveria um buraco na economia, porque a maioria das pessoas das favelas é de autônomos ou informais; elas vivem no limite, e se você parte do limite vai morrer de fome”, diz **Celso Athayde**, fundador da CUFA. O projeto surgiu da necessidade de oferecer suporte às mães moradoras de favelas, seja alimentar ou financeiro, através do Vale Mãe, por entender que essas mulheres são um ponto focal dos lares. “A mãe é a que tem a maior quantidade de responsabilidade, e com o apoio chegando a ela, chega em todo mundo, inclusive nos vizinhos”, observa Athayde.

Apesar da queda na taxa de informalidade no país em 2020, ainda são 31,6 milhões de pessoas que diariamente vivem na incerteza da remuneração. Dos quase nove milhões de pessoas que ficaram sem trabalho



DOUGLAS LOPES

Frete da soberania alimentar: produção de quentinhas diárias no projeto *Maré de Sabores*

CAMPANHA NACIONAL DE ARRECADAÇÃO DE FUNDOS PARA AÇÕES EMERGENCIAIS DE ENFRENTAMENTO À FOME, À MISÉRIA E À VIOLÊNCIA NA PANDEMIA DE COVID-19 EM 2021

SE TEM GENTE
COM FOME,
**DÁ DE
COMER!**



Campanha *Tem gente com fome*, foi lançada em março de 2021 como forma de apoiar famílias em situação de vulnerabilidade social

no segundo trimestre de 2020, 68% realizavam trabalhos informais. Desta forma, a geração de renda também se tornou uma demanda importante neste momento, não apenas a partir do Vale Mãe, idealizado pela CUFA, como também pela abertura de postos de trabalho nos dois projetos.

Na Maré, moradoras foram convocadas a participar das frentes de trabalho de geração de renda, onde puderam dar suporte a algumas ações da campanha. Uma delas foi o projeto *Sabores e Cuidados*, da Casa das Mulheres da Maré, atuando na preparação de refeições que foram distribuídas às pessoas em situação de rua. Outro projeto desenvolvido foi o *Tecendo Máscaras e Cuidados*, no qual costureiras da Maré que perderam a sua renda nesse período foram remuneradas para produzir máscaras a serem distribuídas para a população. E mais: 19 motoristas atuaram na entrega das cestas básicas e 30 homens fizeram o trabalho de desinfecção das ruas.

Redução nas doações

Ao longo desse um ano, as instituições perceberam uma queda nas doações, dando a entender que, com o passar dos meses, a situação financeira foi melhorando. Entretanto, ela é pior hoje do que quando foi registrado o primeiro caso de covid-19 no país. No último dia 8 de abril, o país bateu um novo recorde e registrou 4.249 pessoas que morreram em 24h em decorrência da infecção pelo novo coronavírus. Até o

momento, apenas 10,13% da população recebeu, pelo menos, uma dose da vacina e 2,86% está totalmente imunizada. Com esse aumento, diversas cidades precisaram impor medidas de restrição, como o Rio de Janeiro, que determinou horário de funcionamento de estabelecimentos, mas outras sentiram a necessidade de fazer um bloqueio total (o *lockdown*) para tentar frear a subida dos casos.

O momento agora, enquanto instituições, é de entender e repensar quais as formas de continuar atingindo os públicos das favelas, através da informação, da tecnologia e da saúde. “Vivemos um momento em que se morre mais do que no pico em 2020 e em um país que lida com a doença como se nada estivesse acontecendo. É preciso pensar na questão da saúde através do projeto *Conexão Saúde*, oferecendo testagem e isolamento possível para quem testa positivo”, diz Eliana. Para ela, é importante ter suporte tecnológico para que as informações verdadeiras cheguem à população, mas entende como a desigualdade impacta no acesso à internet e a equipamentos e, conseqüentemente, a essas informações.

Com a pandemia, o desemprego em 2020 bateu recordes em 20 estados, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD) Contínua, publicado no dia 9 de março pelo IBGE. A taxa média nacional de desocupação também teve crescimento médio de 11,9% em 2019 para 13,5% em 2020. O Rio de Janeiro é o quarto estado mais afetado.

DIVULGAÇÃO

Pela primeira vez desde 2013, menos da metade da população em idade para trabalhar estava ocupada. A taxa média de informalidade também teve um recuo de 41,1% para 38,7%, mostrando que tanto trabalhadores formais quanto informais foram diretamente impactados pela pandemia, perdendo os seus postos de trabalho. As mulheres, entretanto, sofreram ainda mais com o desemprego do que os homens, destacando a importância de se criar projetos de apoio e geração de renda nesse período de pandemia.

“Se você pensar que uma pessoa estava trabalhando, dentro de uma realidade social em desvantagem, em março de 2020 ela iniciou um processo de fome, miséria e depressão devido à falta de trabalho, de comida e de perspectiva. Hoje, a situação está pior porque a gente continua na pandemia, as pessoas estão morrendo mais que antes, as pessoas estão desempregadas há um ano, e a gente tem um Produto Interno Bruto de guerra. A economia encolheu e não vemos horizonte. Quem estava preocupado em março passado, hoje está desesperado. As pessoas e as empresas estão doando menos e sendo menos solidárias”, conclui Athayde.

Tem gente com fome

Um ano após o início da pandemia, os números referentes à fome são preocupantes: em 76 favelas do Brasil, 68% das pessoas passaram pelo menos um dia sem conseguir comprar comida, de acordo com pesquisa feita pelo Data-Favela de 2021. Pensando nessa questão, cerca de 200 instituições mobilizam suas forças e lançaram a campanha *Tem gente com fome? Dá de comer!*, para arrecadar fundos para ações emergenciais de enfrentamento à fome, à miséria e à violência na pandemia de Covid-19.

A campanha tem como objetivo arrecadar recursos suficientes para alimentar cerca de 223 mil famílias brasileiras que estão em situação de baixa renda e pobreza. Por três meses, essas famílias receberão doações em apoio com alimentos, produtos de cuidados com saúde e higiene, no valor equivalente a R\$200 reais mensais. As doações acontecem por meio do site www.temgentecomfome.com.br e qualquer pessoa pode apoiar doando a partir de R\$10.

Histórias dos mareenses vítimas da covid-19

Relatos da dor e saudade de quem perdeu familiares para o novo coronavírus ao longo de um ano de pandemia

HÉLIO EUCLIDES

Um ano de pandemia trouxe resultados catastróficos para o Brasil. Foram mais de 13,3 milhões de brasileiros infectados e 345 mil mortes por covid-19. Para os que perderam seus familiares, um misto de dor, tristeza, saudade, raiva e perplexidade. “Gente merece existir em prosa”, diz Edson Pavoni, coordenador do *Inumeráveis*, um site-memorial que faz uma homenagem aos brasileiros que morreram por coronavírus.

Raquel Casimiro perdeu familiares de duas gerações para a covid-19: o avô **Isidorio do Espírito Santo**, de 79 anos, e a mãe de consideração **Angélica de Paula**, de 31 anos. Ambos tinham comorbidades. “A morte do meu avô foi gradativa, ele já estava muito mal por causa da diabetes; foi para o médico e lá pegou covid. Veio a óbito dias depois”, diz Raquel, ao lembrar que seu avô gostava de ir à igreja, mas pela diabetes, não conseguia mais participar dos cultos na Baixa do Sapateiro, uma das favelas da Maré.

A mãe, Angélica, era moradora do Morro do Timbau e não conseguiu seguir com o sonho de trabalhar com pedagogia, curso que havia acabado de concluir. “Por mais que ela já estivesse doente e fizesse hemodiálise semanalmente, era uma mulher jovem e forte. Quando recebi a notícia do seu falecimento, fiquei sem acreditar, me bateu uma tristeza muito grande. Há uma saudade de um avô que tinha muita fé e de uma mãe e amiga que era extremamente generosa e divertida”, conclui Raquel.

Eliane Laia Oliveira lembra com carinho da prima **Roberta Ferreira da Costa**, de 45 anos, que deixou uma filha de 26 anos. Uma pessoa



Estes são alguns dos 173 mareenses que morreram neste ano de pandemia, deixando saudades naqueles que ficaram

que vivia intensamente, trabalhando desde os 14 anos como costureira. Roberta estava triste e abalada com a morte da irmã, em abril de 2020, por diabetes e infecção pulmonar. Chegou em casa depois do velório e, no dia seguinte, foi para o hospital, ficando 22 dias e não voltando mais. Na tomografia, o diagnóstico do coronavírus. “Até hoje sinto muita saudade dela, me abalou muito, fomos criadas juntas, era como se fosse uma irmã para mim. Era muito divertida”, comenta. Segundo Roberta, a prima era uma mãezona e uma filha maravilhosa.

Ariolando Pereira, mais conhecido como Ary da Maré, de 52 anos, morreu no fim de 2020. Líder comunitário popular no território e articulador da Light na Maré, sofreu uma parada cardíaca, com suspeita de covid-19. “Meu pai me ensinou tudo o que pôde. Para a família, ele sempre vai existir em nossos corações”, diz **Leonardo da**

Costa Pereira, um dos quatro filhos de Ary, que também deixou quatro netos.

Ary concorreu à vice-presidência da Associação de Moradores da Nova Holanda e se candidatou a deputado estadual pelo Partido da Mobilização Nacional (PMN) em 2018. “Era um cara que não tinha hora para ajudar as pessoas. Olhava muito para os moradores e, às vezes, esquecia de cuidar dele mesmo. Pensava sempre nas pessoas que precisavam dele. Ao andar pelas ruas, falava com todos. Quem conheceu meu pai sabe disso”, lembra com saudades o filho Leonardo.

Nívia Chavier se lembra de sua tia **Joaquina Lopes Rodrigues** com afeto. Mais conhecida como Tia Quênia, era moradora do Parque Maré; com mais de 70 anos e apesar dos sintomas no início da pandemia, não conseguiu realizar o exame para confirmar a infecção. Com medo do preconceito, alguns familiares negam a suspeita.

“Era uma pessoa que fazia de tudo, em todos os aspectos. Atuou como trabalhadora do lar para pagar a escola dos filhos; me lembro que ela sempre deixava a casa limpa. Hoje, o marido arruma a casa como se estivesse esperando por ela”, conta Nívia. Joaquina deixou uma filha e o marido.

Thayná Lacerda, moradora da Nova Holanda, ainda chora pela morte de seu primo **Paulo Sérgio dos Santos**, de 42 anos, que faleceu no dia 1º de março deste ano. “Era um cara muito alegre e aonde chegava, era festa e sorrisos. Estávamos sempre juntos, em confraternizando em família. Está sendo muito difícil entender por que isso aconteceu, por ser uma pessoa que tinha tanta vontade de viver”. Paulo deixou a esposa e um casal de filhos.

Até o dia 12 de abril, 172 mareenses morreram de covid-19. O Maré de Notícias se solidariza com todas as famílias que perderam seus entes.

As sequelas da covid-19 presentes no corpo

Relatos de pessoas que foram infectadas confirmam que a doença não passa quando o vírus se vai

EDU CARVALHO

Falta de paladar e olfato, dor de cabeça, cansaço e perda de memória: numa rápida busca por publicações nas redes sociais à procura de personagens para esta matéria, essas foram as mais frequentes queixas de quem contraiu o novo coronavírus ao longo do último ano. Mesmo naqueles que testaram positivo e durante 14 dias apresentaram sintomas leves, o clima de apreensão persiste, meses depois do contato com o vírus da covid-19.

Para muitos, porém, a situação foi outra. É o caso de **Carlos Eduardo Prazeres**, maestro da Orquestra Maré do Amanhã, no Rio, infectado no início de dezembro de 2020. Ele ficou internado por 15 dias, sendo oito deles em um leito de UTI. Além do medo da morte, hoje Carlos luta contra as sequelas. “Não consigo fazer esforços maiores, andar longas distâncias, sem que me falte o ar. Tive 60% do pulmão comprometido e vou passar alguns meses fazendo exercícios respiratórios com um fisioterapeuta para retomar minha rotina”, conta ele, que teve atendimento médico pelo plano de saúde.

Em uma publicação feita em seu Facebook após a volta para casa, Carlos fez um desabafo: “Deus me abençoou e voltei da morte, mas muitos não escapam. Tenham responsabilidade, nada de balada, nada de festa, em respeito ao seu pai, sua mãe, seus avós”.

Mateus Costa é profissional de saúde em Barra Mansa e, em julho do ano passado, logo quando entrou na linha de frente do combate à doença, se viu do outro lado da batalha, engrossando o número de casos. Oito meses depois do contágio, voltou ao front e lida com as sequelas. “Eu tenho um pouco de esquecimento. Às vezes, falo uma coisa e passa um tempo, não lembro o que foi. Acabo esquecendo, por exemplo, onde coloco as coisas minutos depois de ter guardado”, diz o rapaz

DEPOSITPHOTOS



de 22 anos, que teve acompanhamento médico durante a doença. Para a volta ao trabalho, começou a fazer um exame clínico geral, ainda não terminado “por conta da correria”, mas já recebeu as duas doses da vacina contra a covid-19.

Robson Melo não conseguiu nem começar o seu: “Não tenho plano de saúde, dependendo do SUS. Onde me consulto o elevador não funciona, você sobe e desce de escada. É tudo feito para que você desista. Então imagina conseguir um exame geral?” Ator da Rocinha, favela na Zona Sul do Rio de Janeiro, ele testou positivo em dezembro passado. Mas antes de ser infectado, o medo já pairava sobre sua cabeça. “Olhava o panorama do país e pensava que o vírus, aqui, ia fazer um estrago muito grande”, lembra o morador da favela que tem o maior índice de tuberculose no país.

Da passagem do novo coronavírus pelo corpo, o ator percebe uma recorrente falta de ar, além das questões psicológicas, como ansiedade extrema e episódios de depressão e tristeza. Sem trabalho, queixa-se de que uma das maiores dificuldades é ter recursos para dar atenção à saúde. “A vida é frágil, mas você dormir e acordar com a certeza dessa fragi-

lidade te dá impotência e medo”, diz Robson.

Para **Mariana Sochaczewski**, médica com passagens pelos hospitais públicos Miguel Couto, Souza Aguiar e dos Servidores, e que hoje dá consultas a preços populares em um espaço no Jardim Botânico, a recomendação é estar atento aos sinais do corpo. “Como o vírus pode acometer cada pessoa de forma diferente, esses cuidados devem ser orientados de forma individual e específica no momento da alta hospitalar”, diz ela, recomendando a ida ao médico para avaliação completa.

“Se o paciente apresentar um quadro mais grave ou com sintomas severos ou tiver alguma comorbidade, deve procurar atendimento quando tiver o diagnóstico suspeito ou confirmado. Cada alteração deve ser compartilhada com um profissional da saúde, porque os ‘sintomas’ tardios podem variar entre cansaço, inflamações, dores, confusão mental, esquecimento e até dificuldade para respirar. Procurando atendimento médico precocemente, as chances de tratamento e alívio dos sintomas é muito maior”, alerta a médica.

O enfrentamento da pandemia na Maré

O conjunto de favelas tem acesso gratuito a telemedicina, testes PCR e sorológicos, além de acompanhamento social para o isolamento seguro

DANIELE MOURA

Ninguém imaginava que, um ano após a Organização Mundial da Saúde anunciar a pandemia do novo coronavírus, o Brasil viveria o pior momento desde que a covid-19 chegou no país. Com recordes diários tanto do número de mortes como da média móvel dos óbitos, o panorama brasileiro tende a ficar pior. Especialistas da Fiocruz previram que até o fim de março chegaríamos a três mil mortes diárias. Isso representa mais de 7 aviões 747-300 caindo por dia. Mas não há comoção parecida com aquela demonstrada quando há desastres aéreos. A paralisia que acomete hoje o Brasil parece ser mais danosa que o próprio coronavírus.

Com a falta de uma política nacional de saúde pública que catequize os brasileiros na prevenção e diminuição do contágio, o país parece não viver a pandemia. Não há vacinas suficientes, não há leitos e tampouco equipamentos de proteção gratuitos à população, sobretudo os mais pobres. Isso sem falar nas medidas possíveis de assistência social para os mais impactados, como o auxílio emergencial. E os números não param de crescer.

O Brasil permanece, desde o fim de maio de 2020, como o terceiro país com maior ocorrência de casos e na segunda posição em número de mortes, totalizando, no início de abril, mais de **13,3 milhões** de casos confirmados e mais de **321 mil** óbitos, segundo o consórcio de imprensa formado pelos jornais O Estado de S. Paulo, Folha de S. Paulo, Extra e O Globo, e os portais de notícias UOL e G1.

Na cidade do Rio de Janeiro, segundo o Painel Rio COVID-19, administrado pela Prefeitura, foram contabilizados, até o dia 9 de abril, mais de 235 mil casos confirmados e quase 22 mil mortes. Destes, 2.021 casos e 172 foram de moradores da Maré. Destes, 1.890 casos e 171 óbitos foram de moradores da Maré. Entre 23 de fevereiro a 8 de março, surgiram 54 novos casos e 3 mortes nas 16 favelas do território. Já pelo Painel Unificador das Favelas, monitoramento no qual se contabiliza

casos suspeitos e confirmados por líderes comunitários de 228 favelas da cidade, a Maré já soma **3.287 casos**. Ainda pelo Painel são **34.943** casos nas favelas do Rio.

Para enfrentar o problema, desde abril de 2020 a Redes da Maré está atuando com a campanha *Maré Diz Não ao Coronavírus* que, inicialmente, doou itens alimentícios e kit de higiene e, desde julho, se desdobrou no projeto *Conexão Saúde*, numa parceria da organização com Dados do Bem, SAS Brasil, Fiocruz, União Rio e Centro Comunitário de Manguinhos, e financiamento do Todos pela Saúde. A iniciativa oferece telemedicina, testagem gratuita e o acompanhamento para o isolamento seguro. O Centro de Testagem de Manguinhos foi inaugurado em 9 de dezembro de 2020, quatro meses depois do centro da Maré e contou, até 22 de março, com 1.865 amostras de testes coletados, sendo 285 positivos.

Já o Centro de Testagem da Maré (Rua Teixeira Ribeiro, Nova Holanda) testou, até o dia 22 de março, 11.558 pessoas, sendo que 1.872 tiveram diagnóstico positivo para o novo coronavírus. Todos os casos positivos testados pelo projeto são notificados ao Poder Público e, portanto, passam a compor os dados oficiais do Painel Rio COVID-19. No entanto, ao monitorar os números de ambas as fontes, é possível perceber um atraso, por parte do município, de pelo menos duas semanas em relação à divulgação dos casos positivos reportados pelo *Conexão Saúde* às autoridades.

O projeto também oferece telemedicina tanto para casos de covid-19 quanto para outras especialidades, respondendo às demandas reprimidas em função da diminuição do atendimento nas unidades de saúde e oferecendo alternativas aos moradores para que sejam atendidos sem precisar sair de casa, evitando aglomerações. No caso de pacientes que foram infectados, é possível realizar o acompanhamento dos casos e encaminhamento para a rede pública de atendimento, quando necessário. Desde julho do



© douglas lopes

O centro de testagens da Rua Teixeira Ribeiro funciona desde agosto de 2020

ano passado, foram feitos 2.565 atendimentos médicos por telemedicina pelo *Conexão Saúde*, sendo 850 casos com suspeita ou confirmação de covid-19 na Maré e 185 atendimentos em Manguinhos, com 37 casos suspeitos ou confirmados.

Já o Programa de Isolamento Social oferece acompanhamento social às famílias, orientação para o cuidado e fornecimento de insumos (como kits limpeza e higiene) e alimentação no período da recuperação da doença. Até o dia 22 de março, 428 moradores tinham sido incluídos no programa – um aumento de 14% em um mês.

“Desde que começamos a *Campanha Maré Diz Não ao Coronavírus*, ouvimos os moradores e suas famílias sobre as questões que envolvem a covid-19. Como não havia testagem, eram poucas as informações sobre a doença e sobravam demandas sociais a suprir, priorizamos essa escuta e, a partir dela, iniciamos o *Conexão Saúde*”, segundo **Henrique Gomes**, coordenador do programa de Isolamento Domiciliar Seguro do *Conexão Saúde*. Para ele, o diferencial do projeto foi ter tido como base as demandas dos moradores da Maré.

Programa Nacional de Imunização

A Organização Mundial da Saúde (OMS) em 2019 considerou como uma das dez maiores ameaças globais à saúde a “hesitação em se vacinar”. No

Brasil, este cenário é agravado pela intensa precarização do Sistema Único de Saúde (SUS) e pelas condições de trabalho dos profissionais que atuam no sistema. Em meio a isso, as desigualdades sociais – que também se refletem nos cuidados básicos e no acesso à saúde primária – representam grande desafio para o enfrentamento da covid-19, especialmente nas favelas e periferias. Apesar de esses territórios serem atingidos de maneira desproporcional pela doença, nenhum plano específico de enfrentamento foi criado. Outros grupos vulneráveis foram, com razão, reconhecidos como de risco, a serem priorizados. Foram cobertas tanto vulnerabilidades físicas como também étnico-sociais, como é o caso das populações indígena, ribeirinha e quilombola – as populações urbanas periféricas e faveladas, porém, não foram incluídas.

Ao contrário; conforme a vacinação avança no Rio de Janeiro, é possível identificar que essa parcela da população não só não foi priorizada, como tem sido negligenciada com uma cobertura insuficiente em relação aos bairros mais ricos da cidade. Só para exemplificar, na zona sul da cidade foram dadas 83.784 doses de vacinas até 26 de março, enquanto na Maré foram aplicadas apenas 5.277, o que demonstra que, nesses territórios, a vacinação anda bem mais lentamente que nos mais ricos da cidade. Por que isso acontece?

BOLETIM 

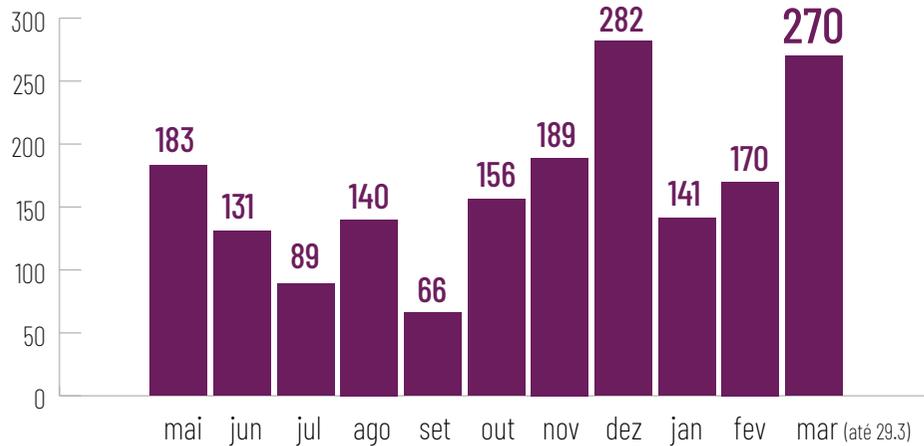
CONEXÃO SAÚDE - DE OLHO NO CORONA

UMA PARCERIA

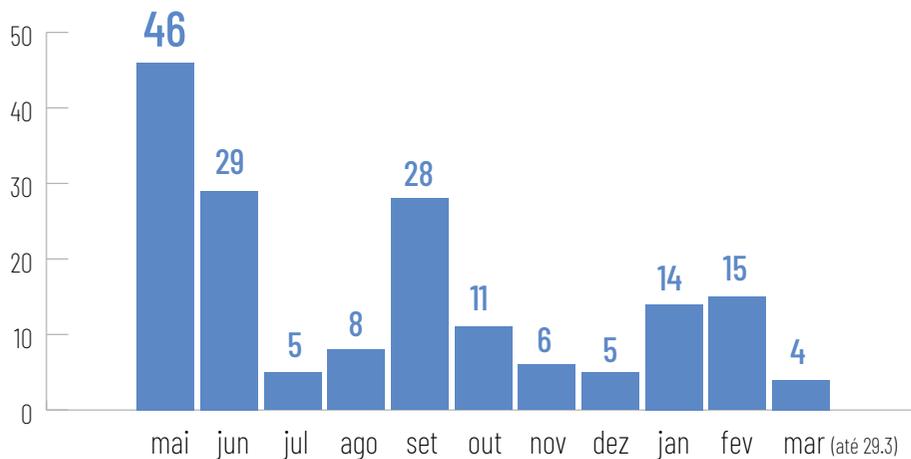
MARÉ DE NOTÍCIAS

CONEXÃO SAÚDE DE OLHO NA COVID

EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE NOVOS CASOS POR COVID-19 NA MARÉ - POR MÊS



EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE ÓBITOS POR COVID-19 NA MARÉ - POR MÊS



NÚMEROS TOTAIS NA MARÉ ATÉ 29/03 **1.845** casos **173** óbitos

VACINAÇÃO NA MARÉ (ATÉ 22/3) **5.277** pessoas receberam a vacina entre 1ª e 2ª doses 

Fonte: CAP 3.1

TESTAGEM - MARÉ

11.558 amostras para testes foram coletadas de moradores da Maré. **1.872** com resultado positivo.



Amostras para teste

	NO TOTAL ACUMULADO	NOS ÚLTIMOS 14 DIAS
--	--------------------	---------------------

PCR	9.070	785
-----	-------	-----

SOROLÓGICO	2.498	105
------------	-------	-----



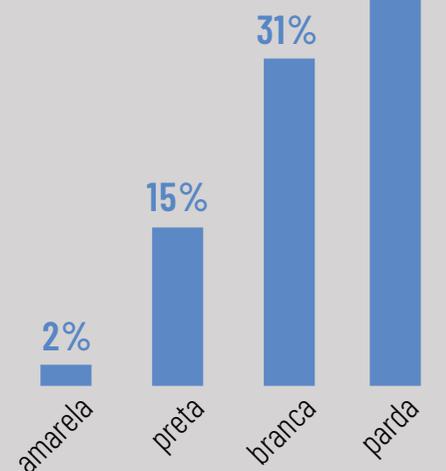
Testes Positivos

	NO TOTAL ACUMULADO	NOS ÚLTIMOS 14 DIAS
--	--------------------	---------------------

PCR	1.034	79
-----	-------	----

SOROLÓGICO	838	30
------------	-----	----

COR/RAÇA DOS MORADORES DA MARÉ QUE TESTARAM POSITIVO



TELEMEDICINA SAS BRASIL - MARÉ

 ATENDIMENTOS MÉDICOS **2.698**

 ATENDIMENTOS PSICOLÓGICOS **1.343**

PROGRAMA ISOLAMENTO SEGURO - SAS BRASIL + REDES DA MARÉ

Desde o seu início, em setembro de 2020, até o dia 29/03,

501 moradores foram incluídos no programa.

291 formulários de avaliação foram aplicados

96% das pessoas conseguiram manter o isolamento por 14 dias ou mais.



Realização



Apoio



Como convencer a usar máscara e manter o distanciamento a quem sequer tem teto?



LEO MOTTA

Autor do livro *Há vida depois das marquises*, Leo tem 37 anos e já fez parte da população em situação de rua.

Novos rostos e histórias chegaram nesse período. Triste realidade. Se sair dessa situação sozinho é quase que impossível, imagina com uma pandemia? No primeiro momento veio uma chuva de solidariedade. Porém hoje, após um ano, muita

coisa mudou. A ajuda vista no começo já não é a mesma, e a cada dia parece que a coisa fica mais difícil.

Convencer quem não tem um endereço a usar máscara e fazer distanciamento é muito complicado. Para quem só sobrevive tendo como companheira a dureza da calçada e a frieza de um papelão, os cuidados nem sempre conseguem ser os primordiais. As urgências são outras. A rua é casa de muitos, mas deveria ser mesmo de ninguém.

Os projetos sociais que permanecem passam por

dificuldades, inclusive o meu, criado em 2019. Aos sábados, atendemos 150 pessoas em situação de rua. Além de pessoas, encontro também incertezas. Com uma piora e o aumento de contágio, e mais medidas restritivas, a situação só pode se agravar. Sem ter direito ao Auxílio Emergencial, pois muitos não têm sequer documentos, como as pessoas vão comer?

A preocupação maior agora é com a vacina. Não se tem relatos específicos da população de rua que fez testes, de casos confirmados, muito menos

de óbitos. Será então agora que vão se lembrar de quem está na calçada? A imunização vai chegar até a rua?

Da criança ao jovem, de homens, mulheres e trans; de idosos, gestantes a dependentes químicos e alcoólicos, além dos que têm transtornos mentais: essas pessoas merecem acolhimento, não o sentimento de que o mundo não é para elas. Também merecem e devem receber a dose, assim como alimento e moradia. De acordo com uma nota técnica do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), entre 2012 e 2020, o número de pessoas em situação de rua no Brasil cresceu 140%, chegando a quase 222 mil pessoas.

“A rua é casa de muitos, mas deveria ser mesmo de ninguém.”

LEO MOTTA
Escritor

A incerteza do abraço nos que ficaram no Rio Grande do Sul

Com política negacionista, estado gaúcho é responsável por 1 a cada 10 mortes por coronavírus em março



ARIEL FREITAS

Jornalista, escritor, rapper e ativista. Criado nos becos da Vila Estrutural e do Morro Santana, localizados na zona norte de Porto Alegre. Aos 16 anos, Ariel Freitas era campeão de freestyle na Batalha do Mercado, a maior batalha de rap do Rio Grande do Sul. Atualmente, ele escreve sobre os impactos do racismo na capital da desigualdade racial. Uma Porto nem tão Alegre assim.

Entre mensagens de preocupações e alertas de despedidas de amigos e pessoas próximas, a rotina de um gaúcho que reside longe do Rio Grande do Sul pode ser definida pela palavra “ansiedade”. Através do peso e da expectativa de quem conhece

rostos e histórias que entraram para as estatísticas das pessoas vitimizadas pelo coronavírus no sul do Brasil, a preocupação pelos entes queridos atravessa as tarefas diárias.

Em mais um dia distante do meu local de origem, aguardo a mensagem de familiares e das amigas mais próximas, afirmando que está tudo bem por lá. De uns, recebo que os cuidados estão redobrados. De outros, o sinal de mensagem recebida não é demonstrado. Por quê? A inquietação toma conta do corpo e da mente. Distante de todos que admiro, não posso cuidar ou remediar, caso o extremo aconteça.

Durante essa aflição constante, os feeds das redes sociais apresentam o desleixo da população e dos representantes das políticas do estado, que hasteia a bandeira preta em todo território e é responsável por uma a cada 10 mortes de coronavírus no Brasil. Apesar

da situação de colapso em solo gaúcho, a mensagem compartilhada na capital do Rio Grande do Sul pela gestão municipal é de “sacrifício” por um suposto salvamento econômico na cidade e de prevenção com medicamentos ineficazes (comprovados cientificamente).

Tais discursos herdados pela necropolítica imposta nos últimos tempos eleitorais trouxeram a incerteza no abraço de amanhã em entes queridos e a ocupação de 103% nas UTIs do Rio Grande do Sul nas primeiras semanas de março. Ao

mesmo tempo em que essa realidade existe, o negacionismo nutrido por identidades públicas e na população empilha corpos, aglomerações e mais casos de covid-19 diagnosticados dias depois.

Analisar o colapso no meu estado natal é uma tarefa delicada, pois enxergo amigos e familiares em cada estatística compartilhada sobre o Rio Grande do Sul. Eu tenho a certeza que, em uma delas, a minha mensagem de “luto” ou de conforto estará mais próxima. Muito mais do que deveria.



Prefeitura de Porto Alegre faz sanitização do Terminal Triângulo, ponto de grande circulação de pessoas

Covid sem recreio

Professores das escolas municipais da Maré avaliam o retorno das aulas presenciais no momento de agravamento da covid-19 nas favelas do Rio

EDILANA DAMASCENO/DATA_LABE

Edição: Fred Di Giacomo

Crianças com seu processo de alfabetização atrasado, pais que precisam trabalhar e não têm com quem deixar seus filhos, e professores que não se adaptam ao ensino remoto: fatores como esses levaram as autoridades a decidirem pela retomada das aulas presenciais na rede municipal no fim de fevereiro, desde que as unidades se adequassem a uma lista de requisitos, como reduzir a quantidade de alunos por turma e instalar dispositivos de álcool em gel. As consequências da covid-19, no entanto, não se restringem apenas a adaptações na estrutura física.

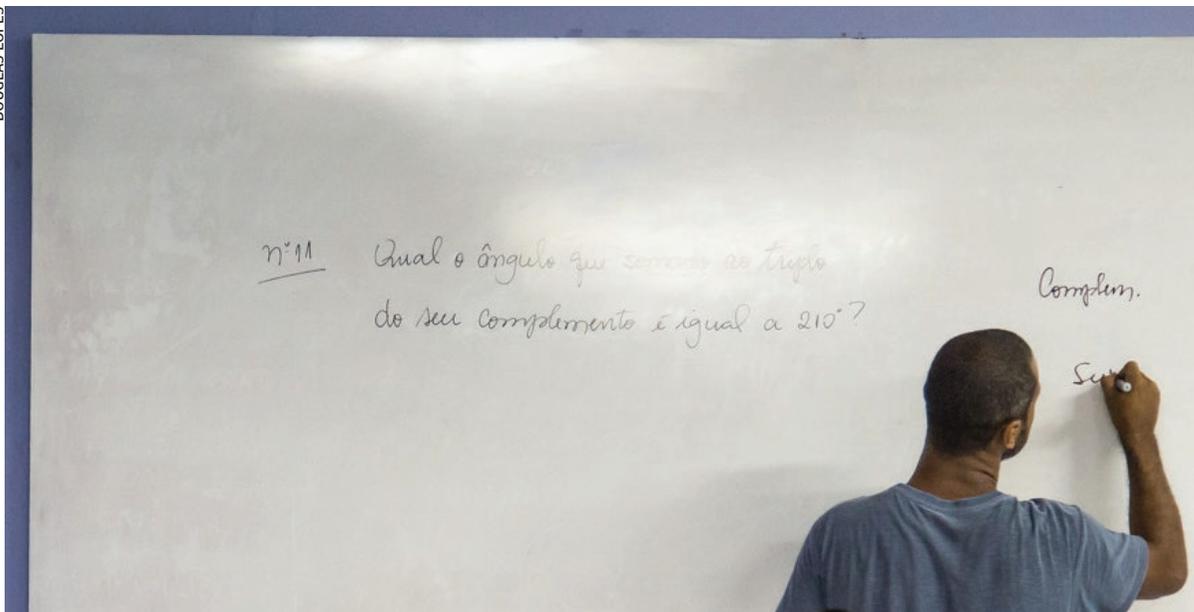
Ao falar da pandemia, é necessário entender que seus efeitos chegam com mais força em lugares específicos, e as favelas estão entre eles. Segundo dados do Painel Unificador da Covid-19 nas Favelas do Rio de Janeiro, são cerca de 40 mil casos da doença, chegando a quase 4.000 óbitos confirmados. O Complexo da Maré lidera o ranking, com cerca de 3.300 casos e mais de 170 mortos.

A professora **Aline** (nome fictício) conhece de perto esses números. Ela perdeu a esposa para a covid-19. Aline conta que sua companheira, também professora, não fazia parte do grupo de risco. Hoje, ela tenta, com dificuldades, reconstruir sua vida: “Jamais vou superar o fato de ter perdido o grande amor da minha existência”.

A professora também ficou internada em decorrência da infecção e, psicologicamente abalada, teme se contaminar novamente quando voltar a dar aulas presenciais: “Não estou voltando por vontade própria, mas sim, porque a sociedade não aprendeu nada com esse vírus”.

Antes da suspensão das aulas de 26 de março até 4 de abril, as escolas municipais retomaram o ensino presencial de forma gradual. Na Maré, as unidades começaram a reabrir em 24 de fevereiro. De acordo com a Secretaria Municipal de Educação do Rio de Ja-

DOUGLAS LOPES



Além de se arriscarem ensinando presencialmente, professores encaram a dupla jornada dando aulas online, até a primeira quinzena de março, 271 unidades cariocas já recebiam alunos, sendo quatro delas na Maré.

Sem estrutura para retorno

A falta de estrutura nas unidades da Maré dificultou ainda mais a adequação aos protocolos de segurança da Prefeitura. É o caso da Escola Municipal Helio Smidt, onde trabalha **Juliana Cantinin**, de 28 anos. A professora de música conta que a unidade não possui as condições sanitárias necessárias para o retorno às aulas presenciais. “A gente está lutando separado, porque eu não tenho direcionamento de cima”, desabafa.

Cria do Complexo do Alemão, Juliana acrescenta que a falta de políticas públicas que deveriam ter sido implantadas no início da pandemia afeta professores, alunos e seus pais. Segundo a professora, há várias perspectivas de um só problema: “Os professores estão com medo, pois alguns vivem com pais, filhos e outros familiares também com medo e, ao mesmo tempo, eu sinto que a maioria dos professores não está bem psicologicamente com essas aulas online”. Além disso, há o sofrimento das famílias de alunos: “Os pais estão desesperados. Eles estavam sendo obrigados a trabalhar presencialmente e era a escola que ficava com seus filhos.”

Os temores dos profissionais da educação e das famílias não são in-

fundados: entre 24 de fevereiro e 9 de março, foram confirmados 56 casos de covid-19 nas 120 escolas que já haviam retomado as aulas presenciais. De acordo com o aplicativo Alerta Covid RJ, que reúne as notificações de contaminação da comunidade escolar, 33 registros são de profissionais na educação e os outros 23, de estudantes. Como as favelas da Maré são territórios ainda mais vulneráveis, onde faltou assistência social do Estado durante a pandemia, a reabertura das escolas torna a situação ainda mais grave.

A Secretaria Municipal de Educação nos informou por e-mail que “o retorno é optativo para os alunos, e cabe aos responsáveis pelo estudante a escolha quanto ao retorno às aulas presenciais, quando estes forem menores de 18 anos. E os professores que tiverem comorbidades não atuarão nas escolas, mas, sim, no modo remoto”.

“Os professores estão com medo, pois alguns vivem com pais, filhos e outros familiares também com medo e, ao mesmo tempo, eu sinto que a maioria dos professores não está bem psicologicamente com essas aulas online”

JULIANA CANTININ, professora

Autismo não é doença

Por falta de informações, crianças e familiares sofrem preconceitos

HÉLIO EUCLIDES

Pouco se fala sobre o Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), uma condição de saúde caracterizada pelo comprometimento da interação social e da comunicação verbal e não verbal, e pelo comportamento restrito e repetitivo de quem a apresenta. O transtorno engloba diferentes aspectos que podem ser identificados na primeira infância (antes dos três anos), embora os sinais iniciais às vezes apareçam já nos primeiros meses de vida. Por se conhecer pouco, há preconceito por parte da sociedade e dificuldade no diagnóstico.

Para chamar a atenção sobre a importância de identificar e tratar o transtorno que atinge mais de 70 milhões de pessoas no mundo foi criado, em 2008, o Dia Mundial da Conscientização do Autismo pela Organização das Nações Unidas (ONU), no dia 2 de abril. A fita com a estampa de quebra-cabeças representa pessoas com autismo, e é usada tanto em placas de prioridade como no dia da conscientização, juntamente com a cor símbolo do TEA, o azul. No Brasil, não há números oficiais de quantas pessoas são diagnosticadas com autismo.

O transtorno se manifesta de diferentes formas, desde o desenvolvimento de grandes habilidades a comportamentos prejudiciais. “O TEA tem vários níveis. Para dar uma orientação é difícil, pois depende se a criança tem o grau mais leve ou o mais severo e qual a rede de suporte que tem. A dica de ouro é a mãe se informar e, em caso de dúvida, procurar uma pediatra, que primeiro vai identificar alguma alteração no desenvolvimento da criança”, recomenda **Danielle Câmara**, fonoaudióloga e responsável pelo canal no YouTube *Conversando Sobre Autismo – Sugestões de Atividades*.

Não existem exames laboratoriais



Desde 2012, pessoas com autismo foram incluídas na lista de atendimento preferencial em estabelecimentos

ou de imagem que ajudem a identificar o autismo. Em geral, o médico considera o histórico do paciente, a observação de seu comportamento e os relatos dos pais. Por não ser uma doença, não há cura para o autismo; a criança deve fazer acompanhamento com uma equipe de médicos, fonoaudiólogos, fisioterapeutas, pedagogos, psicólogos, entre outros profissionais. O importante é intervir precocemente, pois quanto mais cedo o tratamento começa, melhores são os resultados.

A colorista digital **Marina Amaral** recentemente recebeu o diagnóstico de autismo. Quando criança, ela viveu muitos momentos de isolamento. “Passei por diversos profissionais que me deram diagnósticos diversos: ansiedade generalizada, síndrome do pânico e depressão”, relembra. A suspeita de autismo surgiu agora, aos 26 anos, ao conversar com **Andréa Werner**, que é fundadora do Instituto Lagarta Vira Pupa, instituto que pro-

move acolhimento a mães e pessoas com deficiência. Ao saber do passado de Marina, Andréa recomendou consultar um especialista. “Ao ter o diagnóstico, entendi a minha vida toda; caiu a venda dos meus olhos. Na infância, tomei muitos medicamentos que só pioravam os sintomas”, conta Marina.

Crianças com autismo precisam de acompanhamento

Referência no território para o tratamento de transtornos psíquicos em crianças, o Centro de Atenção Psicossocial Infantil (CAPSi) Visconde de Sabugosa, localizado na Praia de Ramos, tem entre 50% a 60% dos pacientes cadastrados pela unidade com diagnóstico de autismo. **Márcia Domingues**, gerente do CAPSi, explica que sempre é bom lembrar que as crianças estão em desenvolvimento e que é preciso ter estímulos, como brincar e ter contato com outras crianças. Isso contribui para que o indivíduo lide melhor com o ambiente e com os outros.

FIQUE POR DENTRO!

Para informações sobre serviço de isenção para segunda via de documentação e Vale Social, ligue para **2332-6402** ou acesse <http://www.valesocial.rj.gov.br>.

Fundação Leão XIII: Unidade Nova Holanda - Rua Sargento Silva Nunes, 1.012. Unidade Praia de Ramos - Rua Gerson Ferreira, 06.

Para tirar dúvidas, ter orientações, suporte e acolhimento, procure atendimento no **CAPSi Visconde de Sabugosa:** Avenida Guanabara, Praia de Ramos, s/n, de segunda a sexta, das 8h às 12h.



ACERVO PESSOAL

Apollo, de 7 anos e morador da Vila dos Pinheiros, foi diagnosticado com autismo e desde então tem acompanhamento médico

Para **Andressa Ferreira**, coordenadora técnica do CAPSi, existe a necessidade de a criança ser inserida em atividades culturais, de lazer e de aprendizado. “O principal tratamento é dar visibilidade e autonomia a ela. Os outros passos vão depender de cada caso. Não podemos nos concentrar apenas nos sintomas e sim, trabalhar as questões e potencializar a criança”, diz.

Ser mãe de filho autista

Caeta Pontes mora na Vila dos Pinheiros e é mãe de Miguel, de 14 anos. Ela conta que conseguir o diagnóstico não foi fácil. “O laudo é sempre muito difícil, principalmente do Sistema Único de Saúde. Isso faz com que atrase o tratamento e o acompanhamento necessário, comportamental e multidisciplinar”, conta. Para ela, o responsável pela pessoa com autismo deveria ter também acompanhamento psicológico, pois a sobrecarga é grande. “Como mãe, não espero que ele aprenda frações e sim, a se alimentar e comer sozinho ou atravessar uma rua com independência”, diz.

Glaucia Barros, moradora de Marcílio Dias, é mãe de Ruan Barros, de 7 anos. Ela reclama que, se não fosse pelo plano de saúde, o filho não teria grandes avanços. “Levei os laudos e relatórios das terapias ao CAPSi. Uma

profissional disse que ele entraria na fila de espera do Sistema de Regulação (Sisreg) com 90 crianças na frente, sendo que a prioridade é para quem não tem atendimento nenhum. Já são três anos de espera”, reclama. A mãe lembra que teve que correr atrás do direito de o filho ter um acompanhamento profissional em sala de aula, indo até à 4ª Coordenadoria de Educação para conseguir uma estagiária.

Janine Diniz é moradora da Vila dos Pinheiros e mãe de Apollo Diniz, também de 7 anos. Ela acredita que a sociedade ainda precisa conhecer o que é o autismo, para assim poder aprender a lidar com quem sofre do transtorno. “Merecem ser tratados com normalidade e respeito, como qualquer pessoa deve ser tratada. Acho que a mídia deveria falar ainda mais sobre isso”, diz ela. Janine sugere um investimento no atendimento psicológico nas favelas e em um sistema educacional de qualidade, que trabalhe a inclusão desde cedo. **Osvaldina Barros**, moradora de Marcílio Dias, mãe de Rafael de Carvalho, de 8 anos, tem a mesma opinião. Ela lembra que, quando o seu filho recebeu o diagnóstico do autismo, nada foi explicado a ela sobre o transtorno: “O Rafael tinha três anos quando o médico disse que ele era autista, que ‘veio com defeito de fábrica’,

mas que era meu filho e não tinha como devolver. Mas não explicou o que era autismo”, relembra.

Márcia Petralanda, moradora de Marcílio Dias e mãe de Luana, de 6 anos, desabafa sua frustração por não conhecer a fundo o que é autismo, pois falta informação: “Acho que minha filha tem o transtorno, mas não tenho certeza, pois nunca consegui um diagnóstico. Seria bom uma palestra nas comunidades sobre o assunto. Muita gente iria participar”, acredita.

A luta pelos direitos

O autista tem, legalmente, direitos que muitas famílias desconhecem. Um deles é o Benefício de Prestação Continuada (BPC), regulamentado pela Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS). Quem tem autismo é considerado pessoa com deficiência (PcD) pela Lei nº 12.764, de dezembro de 2012, que trata dos direitos das pessoas com espectro de autismo – e, por isso, inclusas na Lei nº 10.048, de novembro de 2000, que determina atendimento prioritário a pessoas idosas, gestantes, lactantes, pessoas com crianças de colo, obesos e com deficiência.

Outros direitos são as vagas especiais nos estacionamentos; meia entrada em casas de espetáculo para o autista e seu acompanhante; desconto em parques de diversão e eventos culturais; descontos e isenção de impostos na compra de veículos; acompanhante especializado em sala de aula; meia passagem nos ônibus (direito que pode ser solicitado através do Vale Social), como também ter preferência nos assentos dos transportes públicos.

Conheça os coletivos da Maré que recebem, ajudam e acolhem crianças autistas e com outras deficiências:

Criando Laços Especiais na Kelson

Instagram: @criandolacosespeciais

WhatsApp: 98265-1519

Especiais da Kelson

WhatsApp: 99604-6504

Especiais da Maré

Instagram: @especiaisdamare

WhatsApp: 96989-0092

Invasão e conquista: o Brasil não foi descoberto

Como a história contada nas escolas não condiz com a realidade de etnias indígenas brasileiras

JORGE MELO

Jornalista, pesquisador e doutorando em História Política e Bens Culturais pela Fundação Getúlio Vargas (CEPDOC-FGV/RJ)

Sou mulher que ainda chora/ Por
São grande escuridão/ Minha es-
sência está aqui/ Dentro do meu
coração/ De um Brasil ensanguenta-
do/ Onde ninguém é culpado/ Mulher
da mesma nação! **Auritha Tabajara**

É impossível pensar sobre “o descobrimento do Brasil” sem lembrar as populações indígenas. A exclusão que atinge milhões de brasileiros também afeta, muitas vezes de forma perversa, os descendentes daqueles que estavam aqui muito antes da chegada dos europeus.

Imagine um paraíso natural, onde as pessoas vivem em harmonia com a natureza, caçando, pescando e produzindo apenas o que precisam, respeitando os ciclos da terra, os peixes, os animais, os rios. Num belo dia, veem surgir do mar grandes embarcações, com visitantes estranhos, brancos, vestidos dos pés à cabeça, com armas que produzem trovões. Trazem também inimigos invisíveis – muitos vírus, bactérias, fungos etc.

Esqueçam as imagens das aulas de História, que reproduzem a primeira missa no Brasil, a famosa carta de Pero Vaz de Caminha, onde está escrito que “Em se plantando, tudo dá”. Esqueçam também as narrativas que falam da integração harmoniosa entre os donos da terra e os portugueses, nos dias que se seguiram ao 22 de abril de 1500. Essa é a versão dos invasores, dos conquistadores. Para os habitantes da terra, aquele dia iria assinalar o fim de um período de equilíbrio e fartura e o início de um tempo marcado pela dor, violência, morte e pelas tentativas seguidas de destruir suas crenças e culturas.

Já está provado que o “descobrimen-
to” não foi um acaso. O Brasil era
um segredo de Estado. Antes de Ca-
bral, Duarte Pacheco Pereira alcançou
águas brasileiras na altura dos atuais
estados do Pará e Maranhão, em 1498.
Pedro Álvares Cabral, suas 12 carave-

WANDERSON PADILHA/DIÁRIO DO NORDESTE



las e 1.500 homens fizeram aqui uma escala para tomar posse do território que pertencia a Portugal por força do Tratado de Tordesilhas, assinado em 1494, que dividia a América do Sul entre Portugal e Espanha. Os dois países da Península Ibérica eram os donos dos mares, responsáveis pelas grandes navegações, algo comparado à corrida espacial nos dias de hoje. Não por acaso, todos os nossos vizinhos na América do Sul falam espanhol, com exceção do Suriname, uma ex-colônia holandesa, e da Guiana Francesa.

O antropólogo **Eduardo Viveiros de Castro**, um carioca de 69 anos, professor da Universidade Federal do Rio

de Janeiro, é um dos mais importantes pesquisadores da cultura e do pensamento dos indígenas brasileiros. É também uma referência no meio acadêmico internacional. Em suas muitas palestras pelo mundo afora, repete sempre uma frase, dita em uma entrevista à *Revista Piauí* em janeiro de 2014, que nos obriga a pensar: “Eles continuam aí, mas o mundo deles acabou em 1500”.

Descobrimento X invasão

“O Brasil não foi descoberto, foi invadido”, corrige **Auritha Tabajara**, lembrando seus ancestrais. Ela tem 40 anos e nasceu em Ipueras, no interior

PRIMEIRA MISSA NO BRASIL/VICTOR MEIRELLES (1861)



Convivência harmoniosa retratada em diversas pinturas passa longe da realidade vivida por indígenas e portugueses



GABRIEL UCHIDA/AMAZÔNIA REAL

Amoin Aruká teve contato com a covid-19 e faleceu em fevereiro de 2021

do Ceará. É escritora, poeta, contadora de histórias e a primeira cordelista de origem indígena de que se tem notícia no país. Seu livro *Magistério Indígena em Verso e Prosa* é leitura obrigatória nas escolas públicas cearenses. Auritha lembra que “aqui já existiam povos de diferentes culturas, que Cabral chamou de ‘índios’ como se fossem todos iguais”. Ela faz questão de reafirmar que não é índia, é tabajara: “Essa palavra, ‘índio’, foi um apelido dado pelos portugueses, não diz o que nós somos.”

Segundo o professor da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (USP) **Ricardo Alexino Ferreira**, que pesquisa narrativas e diversidade, “as invasões europeias nas Américas desde o século XVI foram nefastas. O mais grave foi o extermínio de indígenas, um dos maiores genocídios da humanidade”. Estima-se que em 1500 havia entre cinco e dez milhões de indivíduos, mas esses números não são precisos. Os indígenas não possuíam anticorpos para os vírus que os portugueses, que navegavam pela Europa, África e Ásia, traziam no corpo. O mundo já era *globalizado* na época.

Os contatos iniciais no primeiro século de conquista do território, segun-

do Alexino, custaram mais de um milhão de mortos, seja por doenças ou pelas tentativas de escravizar os nativos, que fugiram para o interior. Segundo o Censo do IBGE de 2010, 817 mil pessoas se autodeclararam indígenas.

Resistência

Mesmo assim, 521 anos depois do “descobrimento”, resistem mais de 200 povos indígenas, a maioria concentrada na Amazônia – inclusive, alguns grupos isolados e que vivem como viviam seus antepassados quando os portugueses chegaram. É bom lembrar que a Amazônia cobre nove países: Brasil, Venezuela, Bolívia, Equador, Peru, Colômbia, Guiana, Guiana Francesa e Suriname. Cerca de 180 línguas foram preservadas, mas muitas se perderam.

No dia 17 de fevereiro de 2021 morreu Amoin Aruká, cujos membros da família são os últimos da etnia Juma. Por ironia do destino, Aruká sobreviveu a muitos ataques contra seu povo, mas foi vítima da covid-19. Desde os anos 1970, os Juma, que pertenciam à etnia do tronco linguístico Tupi Kawahiva, foram vítimas de constantes ataques de ruralistas e comerciantes por habitarem uma área muito valorizada na região do Rio Madeira, sul do Amazonas.

Mas do que a morte de um homem, são um povo e toda a sua cultura que somem do mapa.

Segundo Alexino, “os indígenas brasileiros são vítimas da chamada História Única. A conquista do Brasil foi contada pelos invasores, que se consideravam os heróis e omitiram que aqui havia sociedades estruturadas.” Essas sociedades que os portugueses consideravam preguiçosas representavam, na realidade, uma forma diferente de viver e entender o mundo. Os nativos não dominavam a escrita, mas valorizavam a comunicação oral como uma arte e, através dela, contavam suas histórias. Não produziam excedentes, a base do sistema capitalista no qual vivemos; não exploravam o trabalho do semelhante, não praticavam o lucro. Sua forma de comércio era o escambo, a troca de produtos.

Preconceito

Renan Albuquerque é pesquisador e professor do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e há dez anos trabalha com temas da cultura indígena. Seu interesse começou quando, em 2009, foi dar aulas na unidade da UFAM em Parintins, cidade na divida com o Pará famosa pelos desfiles de boi-bumbá.

Em Parintins, Albuquerque conviveu com os povos dos territórios Andirá-Marau (habitada pelos Sateré Mawé) e Nhamundá-Mapuera (ocupada pelos Hixkaryana). Segundo o pesquisador, de um modo geral, o brasileiro não vê o indígena como igual, como um cidadão – e, por isso, a sociedade precisa se informar sobre seus antepassados e seus descendentes, sobre a história dos povos tradicionais, para superar esses preconceitos. “Infelizmente, vivemos um momento em que os indígenas estão completamente desprotegidos, em todos os sentidos; na saúde, na preservação de seus direitos e de suas terras, que são garantidas por lei.”

Auritha afirma que esse preconceito tem uma razão de ser. Durante muito tempo, não se valorizou a história desses povos, que deveria ser contada pelos próprios indígenas. Isso só aconteceu a partir de 2008, com a Lei nº 11.645, que determina o ensino da cultura indígena nas escolas. “A história do Brasil antes de 2008 era contada somente pelo olhar dos historiadores não indígenas. Então, a nossa cultura não tinha crédito na escola. Ainda falta muito para que as culturas e tradições indígenas sejam realmente respeitadas como devem ser”, conclui a cordelista.

SUGESTÕES DE LEITURA SOBRE O TEMA

A viagem do Descobrimento – Eduardo Bueno, Editora Sextante

Coleção Brasilis (4 volumes) – Eduardo Bueno, Editora Sextante

1499, o Brasil antes de Cabral – Reinaldo José Lopes, Editora Harper Collins

O livro obscuro do descobrimento do Brasil – Marcos Costa Editora, Editora Leya



Em que lugares devo priorizar usar uma máscara PFF2?

**também conhecida pelo nome do modelo em inglês, N95*



ambientes hospitalares



espaços fechados com pouca ventilação



ônibus, trem, metrô, BRT



aviões



espaços fechados com pessoas reunidas

e outros...

Se não for possível, use uma máscara tripla camada bem ajustada, com o mínimo de vazamento possível. Lembrando que a proteção depende não só da máscara, mas de distanciamento, ventilação...



@qualmascara

Com o surgimento das novas variantes do novo coronavírus, é preciso redobrar os cuidados na rua, e isso inclui o uso correto das máscaras. A recomendação agora é utilizar as máscaras PFF2 ou N95, que ficam mais ajustadas ao rosto e são mais seguras que as máscaras de pano. É possível comprá-las em lojas de materiais de construção, produtos hospitalares e farmácias, por até R\$12 a unidade. O site www.pffparatodos.com ajuda a encontrar locais em todo o país que estejam vendendo, além de dar indicação de preço. E o instagram [@qualmascara](https://www.instagram.com/qualmascara) ensina como cuidar dessas máscaras. E não esqueça: [#UsaMascaraMorador](https://www.instagram.com/UsaMascaraMorador)

TESTE GRÁTIS de coronavírus mais perto de você! Confira a agenda:

2ª feira
Marcílio Dias
Associação de Moradores
Avenida Lobo Júnior, 83
Das 7 às 13 horas

3ª e 5ª feira
Vila do Pinheiro
Ciep Ministro Gustavo
Capanema - Via A1, s/nº
Das 7 às 13 horas

4ª feira
Nova Maré
Lona Cultural Herbert Vianna
Rua Evanildo Alves, s/nº
Das 7 às 13 horas

Domingo
Parque Maré
Galpão Ritma
Rua Teixeira Ribeiro, 521
Das 9 às 16 horas

Leve documento de identificação original com foto e, se possível, aparelho celular. Testagem só para pessoas a partir de 12 anos.

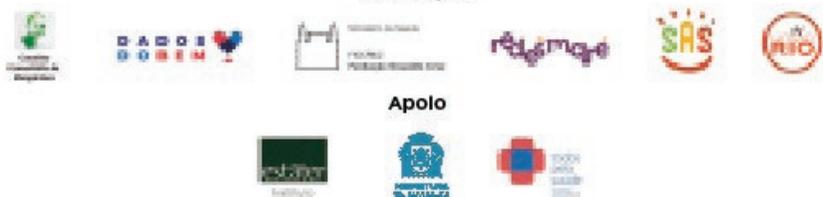


(21) 99924-6462

(mensagem para Redes da Maré)

Realização

Apoio



CAMPANHA CLIMÃO

CAÇA-PALAVRAS

As palavras deste caça-palavras estão escondidas na horizontal, vertical e diagonal, sem palavras ao contrário.

E I M H I P E R T E N S Ã O M S
R A O E A G R O T Ó X I C O O I
B I R D I A B E T E S S H E R S
N S H E S T N T A N F C V A H C
S I N R I S S E U N U E N Ç N E
E A S F A V E L E I R A A Ú S A
U T E L T I U O T D A H E C E H
F Y H I Y H F O U E I O N A H O
R I O D I A R R E I A S O R O S
A F R D F D A T U D E W N E R W
U T T H T C U A E T O H O S T H
E D A N D R E D T S A T L N A T

FICA ESPERTO NOS ASSUNTOS

- AGROTÓXICO
- AÇÚCAR
- DIABETES
- FAVELEIRA
- HORTA
- VERDURA
- FRUTA
- HIPERTENSÃO
- SAL
- DIARREIA



Acompanhe o Maré de Notícias na internet!

f @maredenoticiasoficial

ig @maredenoticias

tw @MareNoticias

wh (21) 97271-9410

em contato@maredenoticias.com.br

www www.mareonline.com.br